

A NOÇÃO DE ESTRANGEIRO E ATITUDES FACE AO ESTRANGEIRO NA CRIANÇA

ANA BELA RESENDE (*)
ANA CRISTINA APARÍCIO (*)
CRISTINA MARIA MARQUES (*)
PAULA SILVA (*)

Este trabalho foi elaborado com base nos estudos sobre o mesmo tema realizados por Piaget e Weill (1951), Jahoda (1964), Tajfel et al. (1970) e Delval (1981).

Pretendeu-se avaliar a evolução da *Noção de Estrangeiro* e as *Atitudes face ao Estrangeiro na criança*, ou seja, o modo como a criança constrói e representa estas noções e o modo como estas se desenvolvem.

A amostra foi composta por 80 crianças (40 raparigas, 40 rapazes) que frequenta-

vam um externato da zona de Lisboa. Quatro grupos de idade foram constituídos sendo cada grupo composto por 20 crianças: 5-6 anos, 7-8 anos, 9-10 anos e 10-11 anos.

I. NOÇÃO DE ESTRANGEIRO

HIPÓTESE: *Esta noção é entendida inicialmente como uma propriedade e não como uma relação*, isto é, os sujeitos pensam que os estrangeiros são sempre estrangeiros e que eles próprios o não podem ser em nenhuma situação.

(*) Estudantes no ISPA.

Esta a hipótese que Piaget coloca quanto à questão da evolução da Noção de Estrangeiro. Para a análise do problema, serviu-se do seu método de conversação livre com a criança, colocando questões e contra-sugestões. Em termos metodológicos a nossa abordagem do problema difere da de Piaget. Na tentativa de evitarmos possíveis confusões verbais, propusemos à criança uma tarefa concreta que a seguir descrevemos.

Materiais e procedimento

Apresenta-se um mapa representando Portugal e Espanha e dão-se as explicações e instruções necessárias: «O que está a azul é Portugal, o que está a rosa é Espanha. O pino verde é um menino português, o pino encarnado é um menino espanhol.»

Colocam-se as questões n.º 1 e n.º 2 movendo os pinos no mapa de acordo com as situações.

Questão I — Este menino está em Portugal e vai passar férias a Espanha onde encontra este menino.

Questão II — No ano seguinte o menino espanhol vem a Portugal. Qual é o estrangeiro?

Posteriormente coloca-se à criança a questão III: «O que é ser estrangeiro?» de modo a avaliar o grau de consistência do conceito na sua forma *verbal*.

Resultados e discussão

A partir da análise e tratamento dos resultados constatamos que aos níveis da pré-primária e da 2.ª classe não se pode ainda observar a existência de qualquer tipo de noção de estrangeiro, uma vez que nesta faixa etária os respostas obtidas nos pare-

cem ser dadas mais ou menos aleatoriamente.

Desta forma poderemos talvez concluir que na nossa amostra, é ao nível da 4.ª classe que se inicia a aquisição da noção; existiam ainda insucessos (cerca de 30%) mas estes não são devidos a respostas aleatórias, mas a conceptualizações que poderíamos classificar de bastante «atrasadas» pois vêm o estrangeiro como uma propriedade e não como uma relação.

Ao nível do 2.º ano esta noção encontra-se totalmente adquirida visto que 95% da amostra evidencia já a relatividade da noção.

Na sua forma verbal verifica-se também um desenvolvimento progressivo do conceito de estrangeiro, desde a não existência do mesmo na pré-primária até à sua total aquisição no 2.º ano.

Tendo em conta as duas situações estudadas concluímos que a primeira manifestação da noção de estrangeiro é-nos transmitida através de uma forma verbal do tipo «estrangeiros são todos os países menos Portugal» ou ainda «estrangeiros são pesosas de outras países». Constatámos no entanto que esta noção não é, ainda, uma noção «interiorizada» pelo simples facto de algumas crianças que nos deram este tipo de resposta terem revelado insucesso quando deparadas com a situação prática.

Numa segunda fase a noção começa a ser utilizada de forma «mais pesada», uma vez que as crianças fazem já uso do conceito, estando no entanto ainda presas ao conceito inicial de que «estrangeiros são os de fora», dado que o utilizam ainda com carácter absoluto, esquecendo que elas próprias também o poderão ser.

Só posteriormente é feita a integração dos diversos aspectos que proporcionam uma noção completa, ou seja, uma noção que tenha em conta a relatividade da noção.

II. ATITUDES FACE AO ESTRANGEIRO

Na maioria dos trabalhos sobre este assunto, a metodologia tende a *induzir na criança* preferências nacionais ou raciais pois pede-se-lhe que escolha entre indivíduos de diferentes nacionalidades ou entre diferentes símbolos nacionais (bandeiras, hinos, trajes nacionais, etc.).

A metodologia utilizada no presente trabalho foi elaborada com o objectivo de evitar perguntas do tipo «De qual gostas mais?» a fim de evitar a indução das respostas a obter.

Materiais e procedimento

A partir de um mapa (Portugal-Espanha) onde se distribuíam quantidades variáveis de pinos («meninos portugueses» e «meninos espanhóis») propunham-se à criança diversas situações em que ela deveria distribuir prendas entre os meninos espanhóis e portugueses.

Essas situações eram bastante diversificadas: situações de equilíbrio (há tantas prendas quanto meninos) ou de desequilíbrio (há mais prendas do que meninos ou o inverso); situações de equilíbrio mas com prendas de valor diferente, etc.

Resultados e discussão

Não sendo possível detalhar aqui os resultados em pormenor, limitar-nos-emos a enunciar as conclusões genéricas a que chegámos: existe na realidade a preferência pelo grupo nacional, mas não constatámos que essa preferência resultasse de atitudes preconceituosas face ao estrangeiro. Essa preferência resulta, na nossa opinião, fundamentalmente da dicotomia conhecido/ desconhecido. E isto é tanto assim que as crianças perante a situação desequilibrada, por exemplo, demonstravam clara renitência em atribuir mais a uns que a outros, chegando algumas a afirmar: «Esta fica para mim...»